

# A agonia do povo guarani

Edívio Battistelli

Como sociedades de agricultores primitivos os índios guarani habitavam as melhores terras do Cone Sul. Por isso, foram sempre escoraçados pelos colonizadores que queriam estas mesmas áreas férteis à produção. Fugiam em bandos, pois não queriam guerras. O ethos tribal é religioso e a religiosidade o traço cultural que dá a grande sustentação à organização deste povo, que sobreviveu até os dias atuais e nos deram tanto à formação da sociedade nacional.

Tomá-los escravos,\* soldados ou catequizá-los através das reduções jesuíticas, nunca foi possível. Somente o extermínio prevaleceu contra esta etnia que no Brasil, Uruguai, Paraguai, Argentina e Bolívia compunham a grande República Guarani, seccionada que foi pelas colonizações espanhola e portuguesa.

A docilidade, característica deste grupo tupi, como a é para os xetá do Paraná, por exemplo, também do mesmo tronco lingüístico, fez com que perdessem todas as suas terras. Lembro-me que nos anos setenta dos Estados compreendidos entre o Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul apenas duas terras indígenas guarani, a de Laranjinha, no município paranaense de Santa Amélia com apenas 284 hectares e Peruibe em São Paulo (litoral) sobreviveram ao assalto dos colonizadores. Em alguns locais como em Cacique Doble, Guarita, Votouro e Nonoai no Rio Grande do Sul; Ibirama e Chapecó em Santa Catarina; Rio das Cobras, Mangueirinha e São Jerônimo da Serra no Paraná; e Araribá em São Paulo, viveram como inquilinos nas terras dos kaingang, xokleng e dos terena, situações que ainda persistem até os dias atuais.

No caso paranaense, os guarani de hoje (subdivididos em três subgrupos: m'byá, awá-xiripá e kaiowá), no início da colonização habitavam também o litoral e denominados carijós. Nos ensinaram os caminhos para chegarmos onde estamos e nos deram além das terras que temos os nomes para o ponto inicial da colonização, Paranaguá; a capital Curitiba e o Estado Paraná; os principais rios, Iguaçu, Paraná, Piquiri, Ivaí, Tibagi, Paranapanema; os picos mais importantes Anhangawa, Marumbi e Paraná; ainda as áreas de proteção ambiental do Estado, Guaratuba e Guaraqueçaba; dentre centenas de outras denominações, cujas palavras foram apropriadas da cultura guarani.

A nossa condição representa uma singularidade nacional na relação entre as sociedades indígenas e não-indígenas.

Avessos aos papéis, como todas as tribos indígenas brasileiras, mas com o que se esforçam à adaptação, os guarani guardam intensamente a história oral do antepassado de seu povo. Pressionados à interiorização e fugindo do processo de ocupação pelos não-índios, vivem em bandos e se dispersam no Brasil e países vizinhos, seguindo uma rota cultural, sem todavia, encontrar na maioria das vezes a paz necessária à sua sobrevivência física e étnica. Não quer ser não-índio, mas não pode mais índio. Entre os guarani kaiowá do Mato Grosso do Sul experimentam altas taxas de suicídio. O auto-extermínio é a saída que os jovens entre 14 e 18 anos principalmente, quando desestruturados e vivendo um alto sentimento do vazio, do nada, encontram como solução para um problema




estrutural que é de origem fundiária.

No contexto sul-brasileiro os guarani migram para o leste, aonde estavam seus ancestrais. Acreditam encontrar a terra sem males, àquela existente antes da chegada do colonizador europeu. Ela não mais existe. Somente os lugares marcados pela cultura deste povo antes da nossa chegada. Os locais que representaram ou poderão representar um Tekohá - "uma porção de terras onde o modo de ser guarani se reproduz e manifesta", segundo Bartholomeu Meliá.

Faço uma pequena viagem na história e recordo-me quando o governo do Rio de Janeiro ajudou-nos a criar a primeira terra indígena no Estado para abrigar os guarani, que foi a de Sapucaí (Bracuí) no município de Angra dos Reis, nos anos oitenta. Concomitantemente, no Estado de São Paulo foram regularizadas as

INSTITUTO  
SOCIOAMBIENTAL  
Documentação  
Fonte Estado do Paraná  
Data 10/12/2000 Pg. 5  
Class. Guarani / S. geral

1467

INSTITUTO	
	Documentação
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	O Estado do Paraná
Data	_____ Pg
Class.	CONT. 1462

terras indígenas de Barragem, Pico do Jaraguá, Ubatuba, Itanhaém, Rio Silveira, Morro da Saudade e Nhumentajú, todas para os Guarani. No Paraná, aconteciam em 1987 os primeiros entendimentos com a Marinha, relativos às terras da Ilha da Cotinga e Rasa da Cotinga, ocupadas pelos Guarani e hoje definitivamente regularizadas em favor destes índios. No Rio Grande do sul foram criadas as áreas Guarani de Barra do Ouro em Osório e Canta Galo em Viamão, dentre tantos outros locais ainda não demarcados e ocupados pelos guarani, no RS, SC, PR, SP e RJ. Também no MS, os problemas dos índios guarani kaiowá se arrastam devido a indefinição das terras, tendo como resistências segmentos não-índios.

Analisando hoje, qualquer plano estratégico ou macro-estratégico de ordenamento ou reordenamento da ocupação do território nacional, deveria começar pela demarcação das terras indígenas.

Os índios não saíram voluntariamente das terras que habitavam. De lá foram expulsos e portanto, a quebra da tradicionalidade de ocupação foi impositiva. Por outro lado, o direito indígena antecede ao nosso. No caso dos parques nacionais, ocupados por índios ou criados em cima das terras indígenas, em nenhum momento a vontade e os direitos indígenas foram respeitados.

As notícias referentes a expulsão dos índios m'byá guarani do Superagüi não nos causa espanto, pois são atitudes que permeiam a desinformação daqueles que tratam o específico sem a menor noção do conjunto. Mas, os índios vencerão ante a consciência nacional contemporânea, sedenta da recuperação de parte

da dívida moral que temos para com estes povos que já nos deram tanto. O professor Marcelo Polinari define o meio ambiente "como um complexo de interações dimensionais entre culturas e ecossistema naturais". As tribos indígenas no seu padrão de cultura original não comercializam valores da natureza (terras, árvores, animais, aves etc...). Se, algum fato destes acontece isoladamente no País envolvendo índios, quem precisa ser monitorado é o restante da sociedade nacional, esta, afeita historicamente ao tipo de transação, das quais os índios foram sempre meros espectadores de filme pouco educativo.

Para suportarem o nosso assédio em todas as suas necessidades durante 500 anos, os guarani souberam culturalmente como proceder, e neste aspecto a questão do Superagüi revela a necessidade antes da "caça aos índios", de uma definição de procedimentos interativos para as áreas de superposição ambiental e indígena, que por sinal, proporcionalmente, são poucas em todo o território brasileiro. Os índios atingidos neste caso, e vale para os guarani, não sabem direito o que vêm acontecendo aqui fora. Acreditamos na necessidade da proteção e assistência lá onde se encontram. Que o estado brasileiro lhes proporcione a necessária capacitação para o enfrentamento das questões ambientais de interesse comum e, pela primeira oportunidade sejam os "silvícolas" os gestores verdadeiros de alguns parques nacionais.

Que bradem os carijós: "Ko yvi 'oguregô iara", "Esta terra tem dono".

**Edívio Battistelli** é engenheiro-agrônomo, indigenista e assessor especial para assuntos indígenas do governo do Paraná.